

INTRODUÇÃO

O turismo literário e a promoção de uma nova literacia

Rita Baleiro

Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa, Escola Superior de Gestão, Hotelaria e
Turismo da Universidade do Algarve rbaleiro@ualg.pt

*What is there contained between the covers of a book
that can induce, inspire, motivate and transform readers
into tourists?*

Robinson & Picard, 2004: 40.

Não obstante a carência de dados estatísticos precisos, nas últimas duas décadas, o turismo literário tem ganho visibilidade e aficionados, em resultado quer da necessidade da criação de produtos turísticos que proporcionem experiências mais próximas da verdade cultural de um dado espaço, quer da procura de produtos e experiências alternativos ao turismo massificado de pronto-a-servir. De facto, há um amplo número de turistas que tem a ambição de retomar o espírito do viajante e de fazer da viagem um processo que contribua para o autoconhecimento e crescimento pessoal. Ora, o turismo literário serve particularmente bem estes propósitos, pois oferece aos visitantes a possibilidade de aceder à

interpretação dos espaços por um prisma diverso do dos costumeiros guias turísticos: o prisma dos textos literários e dos seus autores. Adicionalmente, este nicho do turismo cultural tem ainda a atratividade de (i) incorporar postulados de sustentabilidade, ao promover benefícios para as comunidades locais, implicando o seu envolvimento e a sua participação no processo; de (ii) impulsionar a criatividade, já que se associam duas áreas epistemo-metodológicas tão distintas, e de (iii) estimular a investigação transdisciplinar e multidisciplinar, pois no processo de contextualização e interpretação do texto literário convocam-se diversos referentes histórico-culturais, bem como conceitos da geografia e, até, da arquitetura, entre outros.

Na mesma medida em que os visitantes revelam, progressivamente, mais interesse e curiosidade pelo turismo literário, aumenta a investigação sobre este tema e, em consequência, os últimos anos testemunharam um entusiasmado ímpeto na produção académica: mais estudos de caso no contexto do fenómeno turístico do turismo literário (*i.e.*, os festivais literários, hotéis literários, livrarias históricas); mais investigações sobre os diversos conceitos deste núcleo de estudos (*i.e.*, lugar literário, paisagem literária, turista literário); mais estudos sobre as estratégias metodológicas necessárias na confluência destas duas áreas disciplinares dissemelhantes e mais estudos centrados no processo de exegese dos textos literários que fundeiam a estrutura dos produtos de turismo literário e/ou que promovem uma análise do fenómeno turístico e daqueles que nele participam (os turistas, os viajantes e os habitantes locais).

Sucedem, porém, que a grande maioria destes estudos (tal como sucede no conjunto de textos publicados neste livro), se ancora no paradigma interpretativo (por contraste com o paradigma positivista) e por essa razão, os trabalhos quantitativos e os dados estatísticos persistem em estar ausentes.

Foi também em consequência deste aumento do interesse pela investigação em literatura e turismo, que o Departamento de Estudos

Portugueses e Brasileiros da Universidade de Aix-Marselha decidiu criar um painel dedicado a este tema no Colóquio Internacional *Patrimonialiser la mémoire diasporique*, que decorreu entre 11 e 13 maio de 2018, na cidade de Aix-en-Provence. Em resultado, o *cluster* de investigação Lit&Tour: Investigação em literatura e turismo (do Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e da Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo da Universidade do Algarve) recebeu o desafio de organizar este painel de comunicações em torno do eixo temático “literatura e turismo literário”. Desse trabalho resultou o núcleo de ensaios apresentados neste livro. São trabalhos construídos em torno do diálogo entre a literatura e o turismo, tanto de um ponto de vista mais prático – tomando a cultura como recurso económico e turístico materializado, por exemplo, na promoção dos festivais literários ou na construção de itinerários e rotas literários – como de um ponto de vista mais teórico, analisando o modo como a *tourist literature* (Hendrix, 2014: 19-29) tanto respeita a textos literários para a construção de um itinerário literário, como a textos que favorecem uma análise interdisciplinar da atividade turística.

O turismo literário favorece uma “nova” literacia

O turismo literário fundeia-se em narrativas e no mundo descrito pela ficção literária e implica a deslocação (i) a locais que os autores incorporaram num texto literário; (ii) a locais que inspiraram a criação desses textos; (iii) a locais associados à vida e à morte dos autores e (iv) a locais nos quais se podem experimentar a panóplia de produtos entretanto desenvolvidos (*i.e.* hotéis literários, casas de autores, festivais literários). Por estes motivos e também pela natureza do objeto de arte literária, o turismo literário possibilita uma aproximação direta dos visitantes aos textos literários e aos seus autores.

Sucedo, igualmente, que, no contexto atual do desenvolvimento da humanidade, no qual testemunhamos uma alteração dos hábitos de leitura, em geral, e dos hábitos de leitura literária, em particular, tanto

em resultado da ascensão dos meios de comunicação digitais, como da sobredose de estímulos e da aceleração da vida (*vide* Han, 2016; Renaissance, 2019), o turismo literário, para além da promoção de outros benefícios (como a recuperação de património arquitetónico ou a reedição de obras literárias há muito fora de circulação), pode contribuir para favorecer uma “nova” literacia, pois tal como nos disse Mike Robinson:

O turismo literário é agora parte de uma "nova" literacia. Como turistas, os indivíduos acedem e encontram os escritores e as suas obras através de visitas guiadas, museus literários, centros culturais, festivais, parques temáticos, hotéis literários e uma vasta panóplia de produtos de turismo literário. Nessas arenas de encontros literários, estão a ser formadas novos públicos da arte literária, que possivelmente refletem novas formas de contar histórias e uma mudança, não no sentido de regressar à tradição oral, cuja morte foi lamentada por Benjamin (1936) e Ong (1982), mas em direção ao início de uma "tradição" hiper-sensorial e multimédia. (2011 [2002]: 73) [tradução nossa]

Em consequência direta das mudanças tecnológicas (Hannon, 2000: 6), que exigem mudanças permanentes das capacidades ou competências de processamento da informação escrita na vida quotidiana, historicamente, o conceito de literacia tem assumido diversas definições. Razão pela qual, as definições de literacia são necessariamente temporárias e o conceito de literacia, para além de ser relativo e culturalmente variável, tem um carácter situacional e contextual.

Será por estas razões que Mike Robinson afirma que o turismo literário pertence (e favorece, afirmamos nós) a uma “nova” literacia, pois num contexto de alteração dos modos de acesso e de processamento da informação, o turismo literário, ao oferecer representações e interpretações visuais dos textos literários, expõe, ainda assim, o visitante à literatura e irá, com maior ou menos grau, esculpir o modo como ele vê, interpreta e estrutura o mundo. Para além de que, como refere Tally Jr., a literatura pode também ajudar os leitores a dar sentido do espaço à sua volta (2013: 2). Por outras

palavras, o turismo literário, ao oferecer um novo modo de contar histórias, pode ser um contributo para o desenvolvimento das capacidades ou competências de interpretação de um dado livro, de um dado autor, de uma determinada cultura, de um dado espaço ou mesmo do mundo. Adicionalmente, o turismo literário pode contribuir para “iluminar” o livro, o que, por seu turno, pode despertar a curiosidade para lê-lo de facto (pois há turistas literários que não leram os livros ou conhecem os autores) ou para ler outros livros dos autores que inspiraram determinado produto ou experiência de turismo literário. Sucede, também, que o turismo literário tem, amiúde, o condão de recordar escritores não canónicos que, exatamente devido ao seu estatuto de exclusão dos programas escolares e, por vezes, das estantes das livrarias, são figuras desconhecidas de muitos. Por estas razões, é pertinente trazer alguns produtos de turismo literário (por exemplo, os itinerários e as rotas literárias) para o contexto da educação, de modo a complementar o processo de ensino e aprendizagem, levando, por exemplo, os alunos a realizar um itinerário literário para conhecer um dado autor ou livro e, por essa via, um determinado referente histórico-cultural ou episódio da história.

Tudo isto é possível, pelas singularidades dos efeitos da obra de arte literária. Por outras palavras, a literatura contém representações implícitas e explícitas de lugares e, muito em virtude da “ilusão referencial” (Barthes, 1968) e da fragilidade das fronteiras entre “real e imaginário”, “objetividade e subjetividade” (Eco, 1993: 213-221), esses lugares podem abandonar o seu estatuto de referentes literários e entrar para o plano da geografia física. E, desse modo, transformem-se em lugares literários com potencial turístico. Trata-se, também, de um dos outros efeitos do texto literário: o da sua manifestação enquanto mapa, pois, tal como sublinha Tally Jr., a literatura funciona igualmente como uma forma de mapeamento, quando oferece aos leitores descrições de lugares, situando-os num espaço que, não obstante ser imaginário, concede pontos geográficos de referência que permitem a orientação espacial do leitor (2013: 2).

O exemplo oferecido, a este propósito, por Mike Robinson (2011: 40) é o do romance de Jack Kerouac, *On the road* (1957), que, na década de 60, inspirou centenas de jovens a viajar e a conhecer os lugares da geografia literária do romance.

Este mesmo efeito é permanentemente aproveitado pelos promotores do turismo literário que, a partir das representações espaciais descritas nos textos literários (e, também, dos lugares da vida e da morte dos autores), desenham e organizam itinerários e rotas literárias.

Atentemos agora, com maior detalhe, nos nove ensaios que compõem este volume e que optámos por organizar em dois grupos: os que se centram no tema do turismo literário e os que analisam textos de *tourist literature* (Hendrix, 2014: 19-29)

Começamos pelo trabalho de **Adriana Coelho Florent** que, no ensaio “Itinerários carcamanos: Representações literárias da figura do imigrante italiano em São Paulo”, nos recorda como o turismo literário acumula uma outra função essencial: a da dimensão de concentrar efeitos do turismo de memória, sublinhando a noção de que a literatura é, muitas vezes, o único meio de acesso a retratos do passado que, por razões diversas, deixaram de ter presente. Neste ensaio, Adriana Coelho Florent alerta, porém, para um dos lados mais sombrios do turismo literário: o da folclorização e idealização do passado.

O segundo deste conjunto de textos sobre o turismo literário é da autoria de **Ana Ferreira** e **Elisa Alén González** – “Geografia e literatura: Uma oportunidade de turismo literário a partir da obra de Camilo Castelo Branco” –, e nele se enfatiza, uma vez mais, a noção de que os lugares são mais do que um conjunto de dados geográficos situados no tempo, mas que envolvem interações humanas que importa preservar e recordar. Associando ao turismo literário, o conceito de turismo criativo (Richards & Raymond 2000: 16-20), as duas autoras sublinham que o turismo literário criativo – aquele no qual os visitantes têm a oportunidade de realizar de facto uma tarefa associada a uma

experiência ou produto turístico – encerra não só o potencial para exaltar (e preservar) a identidade de cada local, mas também, por essa via, a capacidade de a recuperar de uma forma sustentável.

A cultura como potencial recurso económico e os festivais literários são o tema do ensaio de **Cristina Martínez Tejero** – “Turismo e literatura em Óbidos: Festivais literários, criatividade e novas dinâmicas culturais e económicas” – no qual se analisam os estudos de caso dos festivais literários Folio (2015-2017) e Latitudes (2017-2018), ambos na Vila Literária de Óbidos, Cidade Criativa da Literatura da UNESCO. Neste trabalho, revelam-se as características das dinâmicas recentes do campo literário, questionam-se os riscos e desafios destes novos modelos de desenvolvimento turístico e considera-se o lugar (e a função) da literatura e da cultura no contexto destes festivais.

Relativamente ao processo de construção de itinerários literários e rotas literárias, escreve **Maria Mota Almeida** o capítulo “Viajar com o escritor Branquinho da Fonseca: Da investigação à ação”, sobre o escritor António José Branquinho da Fonseca (1905-1974) e a rota criada em torno da história e da obra deste autor. Maria Mota Almeida, para além de recordar o poeta, ficcionista e coeditor da revista *Presença* (lançada em março de 1927, marcando o início do Modernismo português), apresenta as enormes vantagens das “comunidades de prática” (Wenger, 1998: 76), nas quais se promove o trabalho em equipa com a garantia de que a “interajuda” e o “saber dar e receber ajuda” são mais importantes do que ter a ilusão de saber tudo sozinho.

Com base no estudo do património palaciano de Goa, **Patrícia Madeira** escreve o capítulo: “As diásporas e o consumo turístico de produtos patrimoniais: O caso dos palácios de Goa na divulgação editorial”. Neste trabalho, recordamos um dos benefícios do turismo literário: o da manutenção e recuperação de elementos do património arquitetónico, neste caso os palácios particulares de Goa, ao criar produtos e experiências turísticas que os associem a textos literários (de autores portugueses e goeses), com o fim de promover visitas turísticas,

cujas receitas podem contribuir para a manutenção deste património, atualmente em mau estado de conservação.

Vejam agora os quatro últimos capítulos deste livro: aqueles que têm em comum o facto de se desenvolverem em torno da *tourist literature*.

No capítulo de **Ana Margarida Fonseca** “Derivas pós-coloniais: Turistas e viajantes em espaços de fronteira” questionam-se os vínculos entre turismo literário, turismo na literatura e literatura de viagem em espaços pós-coloniais, a partir da análise de diferentes géneros de textos de *tourist literature*: *África acima* (Gonçalo Cadilhe, 2007); *Baía dos tigres* (Pedro Rosa Mendes, 1999); *As mulheres do meu pai* (José Eduardo Agualusa, 2007) e *Hinyambaan* (João Paulo Borges Coelho, 2007). Neste trabalho, a autora também considera as interseções entre as figuras do viajante e do turista, bem como a visão crítica destes textos literários sobre as categorias do autêntico e do exótico: duas das categorias mais recorrentes no contexto do turismo.

Se há pouco lemos sobre o trabalho de Adriana Coelho Florent, no qual o turismo literário se encarrega de realizar um fundamental exercício de memória, agora focamo-nos no capítulo de **Juliana Menezes** “Ilhéus, Lisboa: O imaginário das cidades nas narrativas de Jorge Amado e José Saramago” que aponta na mesma direção, centrando-se na análise e interpretação dos textos literários. Esta autora fá-lo, igualmente, salientando como os textos literários encerram retratos das cidades e recuperam pela memória traços da sua história, tornando possível que os leitores conheçam a história e compreendam como os conceitos, neste caso o conceito de cidade, evoluem e podem ser reinterpretados em função das suas traduções para a literatura.

O capítulo de **Luís Romano** “Cecília Meireles e o carnaval no Rio: Revista *Travel in Brazil* e outros registos” não analisa um texto literário, mas um outro tipo de texto de *tourist literature*: textos da autoria de autores literários produzidos para a indústria do turismo. Neste caso, trata-se das crónicas que Cecília Meireles publicou na revista *Travel in*

Brazil. Uma publicação, financiada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda do Governo de Getúlio Vargas, no contexto do Estado Novo brasileiro (1937-1946), cujo objetivo era promover o destino turístico Brasil no estrangeiro. O processo de análise e interpretação destes textos permitem aceder ao modo como o turismo era definido e vendido nesta fase da história do Brasil.

“De Goa à Marseille: Entre réalité et fiction, la vie aventureuse de José Custódio de Faria (1756-1819), dit l’abbé Faria”, de **Michèle Janin Thivos**, centra-se na figura do Abade Faria – professor de filosofia e pioneiro do estudo científico do hipnotismo. O Abade é um dos protagonistas de *O conde de Monte Cristo*, famosíssimo romance de Alexandre Dumas, publicado em folhetim entre 1841 e 1845. Neste ensaio, Michèle Janin Thivos recorda esta personagem que, durante anos, esteve prisioneiro no Castelo d’If, em Marselha, atualmente uma popular atração de turismo literário no sul de França.

Com a descrição do último trabalho compilado neste volume, chegamos ao final deste capítulo introdutório, com a convicção de que o interesse pela investigação em literatura e turismo, nas suas diversas formas, continua em sentido crescente. Isto porque são cada vez mais numerosos os investigadores que reconhecem as vantagens e a riqueza dos contributos deste tipo de investigação interdisciplinar e multidisciplinar, e porque, de facto, o turismo literário pode ser um meio alternativo e lúdico para favorecer uma nova literacia, nomeadamente, para uma nova geração de turistas-leitores.

Assim, e mesmo sem termos acesso a dados que confirmem que as experiências e os produtos de turismo literário podem afetar positivamente os hábitos de leitura ou o modo como se leem e interpretam os textos literários, arriscamo-nos a afirmar que as múltiplas formas do turismo literário são um novo modo de contar histórias e de recuperar memórias, heranças e identidades, num momento no qual a tecnologia e a rapidez do ritmo de vida exigem

alterações no conjunto das competências e capacidades de leitura e interpretação do mundo.

Pela comissão organizadora

Rita Baleiro

10 julho 2019

Referências

Barthes, R. (1968). L'effet du réel. *Communications*, 11, 84-89. Disponível em https://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1968_num_11_1_1158

Eco, H. (1993 [1992]). Da impossibilidade de construir a carta do império em escala um por um. In U. Eco, *O segundo diário mínimo* (pp. 213-221). (Trad. Joana Angélica d'Ávila). Rio de Janeiro: Editora Record.

Han, B-C. (2016). *No exame: Reflexão sobre o digital*. (Trad. Miguel Serras Pereira). Lisboa: Relógio d'Água.

Hannon, P. (2000). The history and future of literacy. In T. Grainger (Ed.), *The RoutledgeFalmer reader in literacy* (pp. 19-32). Nova Iorque: RoutledgeFalmer.

Hendrix, H. (2014). Literature and tourism: Explorations, reflections and challenges. In S. Quinteiro & R. Baleiro (Orgs.), *Lit&tour: Ensaios sobre literatura e turismo* (pp.19-30). Vila Nova de Famalicão: Húmus.

Renaissance (2019). *What kids are reading*. Renaissance: Wisconsin Rapids. Disponível em <https://www.renaissance.com/learning-analytics/wkar/>

Richards, G. & Raymond, C. (2000). Creative tourism. *Atlas News*, 23, 16-20.

Robinson, Mike (2011 [2002]). Between and beyond the pages: Literature - Tourism Relationships. In M. Robinson & H. C. Andersen (Orgs.), *Literature and tourism: Essays in the reading and writing of tourism* (pp. 39-79). Londres: Thomson Learning.

Robinson, M., Picard, D. (2004, 22–26 julho). *Conference proceedings tourism and literature: Travel, imagination and myth*. Sheffield: Centre for Tourism and Cultural Change (CD-ROM)

Tally, Jr. (2013), *Spatiality*. Londres: Routledge.

Wenger, E. (1998). *Communities of practice: Learning, meaning, and identity*. Cambridge: Cambridge University Press.